

presença da Sociedade de Jesus em vários momentos da nossa História, o enraizamento do «mito dos jesuítas» e a sua perenidade fazem com que este livro mereça ser lido por todos quantos se interessam por conhecer a cultura e a política portuguesas dos últimos

quatro séculos. Uma lição de História. Ádua de ler pela dimensão da obra, mas cativante pelo interesse do tema, pela clareza do estilo e pela impressionante profundidade da investigação realizada.

* ASSESSOR DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA PARA ASSUNTOS POLÍTICOS

POR JOÃO CARLOS ESPADA*

Karl Popper revisitado

Foi lançada a segunda edição em língua portuguesa da obra de Karl Popper “Conjecturas e Refutações” (Almedina). Sendo a primeira edição de 2003, é muito significativo que a editora tenha considerado apropriada uma segunda edição. É legítimo pensar que há mais leitores de Popper entre nós do que poderia parecer à primeira vista. E isso é um sinal encorajador.

Karl Popper (1902-1994) foi um crítico severo e profundo do dogmatismo e do relativismo. Bertrand Russell e Isaiah Berlin, entre outros, classificaram a sua crítica ao marxismo como a mais devastadora jamais produzida. Em grande parte, isso ficou a dever-se ao facto de Popper ter mostrado que no núcleo central do marxismo está o relativismo moral – associado a um profundo dogmatismo ideológico.

O dogmatismo ideológico de Marx assentava na teoria alegadamente científica da história. Esta proclamava que a história tinha um sentido predeterminado – o comunismo – que Marx teria decifrado. Popper mostrou que essa teoria não podia ser científica, porque, não possuindo horizonte temporal definido, não admitia a possibilidade de ser refutada pelos factos.



Karl Popper
Conjecturas e
Refutações

2ª edição Portuguesa
da Almedina, Coimbra,
2007.

Denunciando o dogmatismo historicista de Marx, Popper argumentou que o futuro está aberto e depende, em grande medida, das nossas decisões – em particular das nossas decisões morais. Marx desprezara o papel das escolhas dos homens e, em particular, das escolhas morais: considerava-as uma “ilusão moralista e burguesa”. Os valores morais seriam meros produtos da época histórica e serviam apenas para justificar os interesses materiais dos homens.

Popper argumentou que este relativismo moral abria caminho à tirania comunista, a tirania do capricho, ou da vontade liberta de qualquer escrúpulo moral. E sustentou que, quando o comunismo caísse, o seu principal legado cultural seria o relativismo moral. A intoxicação ideológica com o dogmatismo historicista daria lugar – uma vez revelada pelos factos a fraude do historicismo – ao puro relativismo.

No fim da vida, tendo ainda assistido ao colapso do comunismo, Popper considerou o relativismo como a principal doença intelectual do nosso tempo. E repetiu insistentemente que as democracias liberais do Ocidente se fundam em valores morais – sem os quais ficariam à deriva e à mercê dos seus inimigos.

* DIRECTOR DA REVISTA NOVA CIDADANIA E DO INSTITUTO DE ESTUDOS POLÍTICOS DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA. CONSULTOR DO PRESIDENTE DE REPÚBLICA PARA ASSUNTOS POLÍTICOS

Nova
Cidadania

FAÇA PARTE DA
NOVA CIDADANIA.